

A Conjuntura no Estrangeiro



PANORAMA MUNDIAL

O ano de 1953 foi para a economia mundial, em conjunto, um período de expansão. A carência de produtos de primeira necessidade — resíduo dos anos de guerra — cessou virtualmente e em diversos domínios há verdadeira abundância. Ao utilizarmos esta palavra, não esquecemos que em numerosos países grande parte da população vive mal alimentada, insuficientemente vestida, com falta de habitação e de meios de equipamento indispensáveis para assegurar-lhe certo conforto. De modo geral, porém, melhorou muito o abastecimento. Aboliu-se o racionamento em toda parte do mundo ocidental, os transportes funcionam normalmente e a produção ultrapassou em larga escala as cifras anteriores à guerra. A liberdade de comércio, embora não inteiramente restabelecida, permite amplas trocas internacionais, entravadas apenas por algumas dificuldades de ordem monetária. Em síntese, o bem-estar material voltou a ser função da renda individual e nacional.

ALIMENTOS E MATÉRIAS-PRIMAS

Os sinais de abundância, isto é, de superprodução, manifestam-se sobretudo em relação a alimentos e certas matérias-primas. As colheitas sucessivas, com fartura de cereais, no Hemisfério Norte, juntou-se a da Argentina, que lhe permitiu retornar ao mercado mundial, após uma ausência de vários anos. Resultou daí uma baixa acentuada do trigo, que o novo acordo internacional desse produto não foi capaz de sustar. Os principais países produtores foram obrigados a intervir, concedendo preços mínimos aos agricultores e, além disso, os fazendeiros americanos decidiram, a pedido de seu governo, reduzir a área de cultivo.

No terreno das matérias-primas têxteis, em particular o algodão, as colheitas foram mais limitadas, porém os estoques acumulados impediram forte aumento dos preços. A borracha natural encontra-se em situação crítica nos países exportadores, em consequência da superprodução, que não leva na devida conta a produção crescente de borracha sintética.

A produção da maioria dos metais ultrapassou igualmente as necessidades imediatas. Apenas o mercado de cobre sofreu grande alta, estimulada pela suspensão das exportações do Chile, que durante cinco anos não autorizou a venda de sua produção aos preços em vigor no mercado internacional. Mas, em dezembro, um acordo entre o governo daquele país e as companhias mineiras norte-americanas que nêle trabalham pôs fim a tal empecilho. A produção siderúrgica, em acentuado progresso nos Estados Unidos, acusa também sinais de superprodução, particularmente nos países

da Comunidade do Carvão e do Aço, na Europa. O mesmo se pode dizer quanto aos combustíveis. Especialmente, o contínuo acréscimo da produção petrolífera parece ultrapassar o aumento do consumo e espera-se com ansiedade a eventual reentrada do petróleo do Irã no mercado mundial.

I - PREÇO DAS MATÉRIAS-PRIMAS EM NOVA YORK
(Em U.S. cents)

PRODUTOS	QUALIDADE	UNIDADE	DEZEMBRO 1953	DEZEMBRO 1952
Trigo	Nº 2, red	Bushel	231,50	256,50
Milho	Nº 2, yellow	"	184,00	192,50
Aveia	Nº 2, white	"	95,75	109,12
Centelo	Nº 2, western	"	171,50	229,71
Agüoar	Granulated	Libra	8,65	8,65
Café	Santos 4	"	60,50	53,61
Cacau	Accra	"	45,37	30,00
Algodão	Middling	"	33,55	33,55
Aço	Pittsburgh	Tonelada	6 200,00	5 900,00
Ferro	Nº 2, Foundry	"	6 110,00	6 069,00
Sucata	Pittsburgh	"	3 350,00	4 300,00
Chumbo	-	Libra	13,50	14,00
Cobre	Electr.	"	29,50	24,56
Estanho	Straits	"	86,25	121,37
Zinco	-	"	10,00	12,50
Borracha	Rib smoked	"	20,75	32,00
Peles	Butt brand	"	11,00	14,50
Petróleo bruto ...	-	Barril	405,00	425,00
Carvão de pedra ..	Furnace	Tonelada	2 415,00	2 550,00

O incremento da produção exerceu pressão sobre os preços. Com raras exceções, não houve bruscos movimentos especulativos, como os produzidos em 1952, em reação ao "boom" da Coreia, mas um enfraquecimento lento e persistente levou a maior parte das matérias-primas agrícolas e minerais a um nível inferior ao de 1950. O QUADRO I dá as cotações — à vista — das principais matérias-primas no mercado de Nova York em meados de dezembro de 1953, em comparação com os preços da mesma época de 1952.

Entre os 19 produtos do QUADRO I, 13 apresentam baixa e um (açúcar) permaneceu estacionário. Entre os 5 outros cujos preços subiram, 2 oferecem particular interesse para o Brasil: café e cacau. O cacau, que antes sofrera forte baixa, acusa a alta mais acentuada (+ 50 %), enquanto a do café se limita a 12,8 %.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Para as indústrias 1953 foi, em geral, um período favorável. A séria crise que no ano anterior atingira diversas indústrias de bens de consumo, notadamente a têxtil, atenuou-se e, de modo especial nos Estados Unidos, constata-se notável incremento das vendas. A retomada dos negócios não prosseguiu em linha reta durante o ano todo; houve ligeiro recuo no terceiro

trimestre, que determinou um declínio de 3,5 bilhões de dólares (— 1 %) do produto nacional bruto em relação ao trimestre precedente, mas o valor bruto da produção ultrapassou ainda de 7 % o de 1952. A diminuição se deve quase exclusivamente aos bens de produção. As despesas do público mantiveram-se no elevado nível de 231 bilhões de dólares (por ano). Um dos fatores de maior animação da economia americana é o aumento da produção de automóveis. Esperam-se, como resultado final do ano, 6,2 milhões de carros de passageiros e 1,2 milhões de caminhões e outros veículos comerciais; tais quantidades são inferiores apenas às cifras recordes de 1950. É verdade que a procura em 1953 foi determinada em parte pelas restrições impostas à produção civil, nos dois anos anteriores, mas ela indica, em todo caso, que o poder aquisitivo e a disposição do público de aplicar sua renda em bens duráveis não foram afetados pelas ligeiras flutuações da conjuntura.

Na Europa, os índices da produção industrial tiveram maior acréscimo ainda que nos Estados Unidos. Lá também a produção automobilística progride em consideráveis proporções, tendo ultrapassado largamente, em 1953, dois milhões de viaturas. Mas foi sobretudo a indústria de construção que determinou o impulso geral da produção. Como sempre, é a Alemanha que marcha neste terreno à frente dos países europeus; nos meses de verão, a construção ocupa na Alemanha ocidental um milhão de pessoas, e o valor total das novas construções em 1953 é estimado em 14 bilhões de marcos, absorvendo 14 % da renda nacional. Na Inglaterra também a construção, sobretudo de habitações, faz grandes progressos.

A produção de aço nos países pertencentes à Organização Europeia de Cooperação Econômica (OEEC) permaneceu em 1953 ligeiramente abaixo do nível atingido no ano anterior (61,7 milhões de toneladas). Alguns países, como Inglaterra e Itália, aumentaram a produção, mas outros, como Alemanha, França e Bélgica, viram-se forçados a restringi-la, em consequência de dificuldades de exportação. A produção de carvão tão pouco correspondeu às expectativas. A OEEC previra o aumento de 475 milhões de toneladas em 1952 a 487 milhões em 1953, mas, segundo os dados até o momento disponíveis, a produção só alcançou 477 milhões, ou seja, permaneceu praticamente estacionária.

Outras indústrias — química, têxtil, equipamento elétrico etc. — dos países europeus acusam atividade mais intensa, que se reflete no índice geral da produção industrial. Apresentamos no QUADRO II uma sinopse da evolução nos principais países industriais da OEEC e nos Estados Unidos.

À primeira vista, a evolução, tal qual se reflete nos índices gerais da produção industrial, parece muito disparatada: a progressão na Alemanha nos últimos cinco anos foi duas vezes maior que nos outros países, e nos Estados Unidos, mais modesta que na Europa. Entretanto, é preciso con-

II - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
(1948 = 100)

P A Í S	1938	1950	1951	1952	SET. 1953	OUT. 1953
Inglaterra	86	114	117	114	125	127
Alemanha Ocidental	196	179	214	229	261	269
França....	90	111	125	130	122	124
Itália....	101	127	144	146	160	-
Bélgica....	85	104	119	110	121	125
Suécia....	68	108	112	110	115	-
EE. Unidos.	46	104	115	114	121	121

siderar que o ano de 1948, utilizado no momento pelos serviços da ONU e das outras organizações internacionais como base, foi para a Alemanha apenas o ponto de partida da reconstrução; a produção industrial nesta época encontrava-se reduzida à metade do nível de antes da guerra, enquanto a dos Estados Unidos era já duas vezes e meia mais elevada que em 1938. Em relação a 1938, a progressão da Alemanha foi mais fraca do que na Inglaterra e Suécia, e muito mais do que nos Estados Unidos. Em comparação com 1952, verifica-se na Europa uma progressão variando entre 5 e 15 %, com exceção da França, onde os resultados do ano inteiro serão provavelmente melhores que as cifras mensais do QUADRO.

COMÉRCIO INTERNACIONAL

O desenvolvimento do comércio internacional não acompanhou o acréscimo da produção. Cessou o forte declínio que o comércio mundial sofreu em 1952, mas não se observou ainda recuperação sensível. A animação dos negócios exportadores em alguns ramos, como a indústria têxtil e a de papel, é contrabalançada por estagnação em outros setores, como a siderurgia; o valor total do comércio mundial em 1953 deverá apenas atingir o do ano anterior. Nos dois países comerciais mais importantes — Estados Unidos e Grã-Bretanha —, cujas trocas com o exterior representam cerca de um terço do comércio mundial, verificam-se poucas modificações. Os Estados Unidos efetuaram, segundo os dados ainda incompletos da estatística oficial, uma exportação de 15 bilhões de dólares, à qual se opõe uma importação de 11 bilhões. Para a Inglaterra, as cifras correspondentes elevam-se a 6,5 e 8 bilhões de dólares. Os Estados Unidos têm portanto o maior superavit, e a Inglaterra, o maior deficit comercial de todos os tempos. Entretanto, o superavit norte-americano tem caráter antes nacional, porque suas exportações compreendem as mercadorias fornecidas gratuitamente a título de ajuda americana. Se quisessem aumentar de muito suas importações, sem ampliar simultaneamente as vendas ao exterior, deviam exportar ouro ou tomar outras providências para equilibrar o balanço de pagamentos.

O único país do Hemisfério Norte que possui no momento um verdadeiro e importante saldo positivo em sua balança comercial é a Alemanha. Suas exportações, de mais de 4 bilhões de dólares, igualam as do Canadá, que até agora mantinha o terceiro lugar entre os países exportadores. Em 31 de outubro último, a Alemanha era credora da União Européia de Pagamentos dum montante de 405 milhões de dólares — após haver recebido 300 milhões de dólares em ouro —, enquanto a Inglaterra e a França eram devedoras a esta instituição de 560 e 312 milhões de dólares, respectivamente. A Alemanha utiliza os excedentes de seu comércio exterior, em parte, para reforçar as reservas de ouro e divisas de seu banco central, e em parte para fazer investimentos no estrangeiro. Mas o reinício do serviço de sua dívida externa deverá em breve reduzir sua capacidade de exportar capitais.

Um dos problemas mais discutidos do comércio internacional no ano passado foi o comércio entre o mundo ocidental e o bloco oriental. Pouco

a pouco, todos os países europeus, sem diferença de credo político, e numerosos outros restabeleceram o comércio com a URSS e seus satélites, tendo-se firmado diversos acordos comerciais com tal fim. Novamente a Alemanha Ocidental foi o país mais ativo neste particular. Suas exportações ao bloco soviético alcançaram aproximadamente 100 milhões de dólares. As exportações dos Países-Baixos para a URSS triplicaram, a pequena Dinamarca assinou um acordo com a Rússia sobre trocas, no valor de 21 milhões de dólares de cada lado. De outra parte, o comércio da Inglaterra com a URSS diminuiu e os negócios da França com o Leste mostram-se hesitantes. Em síntese, o comércio exportador dos países ocidentais com a URSS e os países da órbita soviética não deverá ter ultrapassado consideravelmente um bilhão e meio de dólares, como no ano anterior, e as importações foram provavelmente menores que em 1952. Para o comércio mundial, estas cifras desempenham papel bem limitado, pois representam apenas 2-2,5 %.

SITUAÇÃO MONETÁRIA

A evolução moderada do comércio internacional não se deve mais — como nos primeiros anos do após-guerra — às perturbações monetárias. Por certo, o problema das trocas ainda não está definitivamente resolvido e os esforços para a conversibilidade da libra e outras moedas não chegaram a resultados satisfatórios em 1953. Todavia, a situação internacional das trocas melhorou consideravelmente e a questão da carência de dólares perdeu muito de sua importância.

As moedas européias consolidaram-se e seu preço no mercado livre aproxima-se da taxa oficial. O deságio do marco reduziu-se a 3 %, o da libra a 6 %. Mesmo o franco francês acusa notável melhoria. Seu deságio, de quase 30 % há dois anos e de 20 % em princípios de 1953, passou a 10 %.

Entre os países do primeiro plano, apenas dois sofrem ainda seriamente os efeitos da inflação e do passivo de seu balanço de pagamentos: Brasil e Japão. Quanto a este último, sua moeda continua a sofrer agudas flutuações no mercado livre, onde o dólar é comprado até por 450 yens, enquanto a taxa oficial é de 360. Dois terços das receitas de divisas do Japão provêm de compras especiais dos Estados Unidos e das despesas dos militares americanos (somente estas sobem a 350 milhões de dólares por ano). Tal ajuda, por mais preciosa que seja no momento, não constitui evidentemente uma base sólida para assegurar o equilíbrio do balanço de pagamentos e os observadores americanos consideram indispensáveis certas reformas monetárias e financeiras, sobretudo para acabar com a inflação.

Entretanto, na maior parte do mundo, a inflação atenuou-se e, embora os orçamentos governamentais sejam deficitários em quase toda parte, as operações internas de crédito bastam em geral para completar os recursos. A estabilidade das trocas e a relativa solidez dos preços nos mercados internos tiveram profunda repercussão sobre o mercado de ouro. As compras dos particulares, notadamente em países como a França, onde o entesouramento desse metal precioso é a defesa tradicional contra a inflação, ces-

saram quase de todo. Por conseguinte, a baixa no preço do ouro prosseguiu em ritmo acelerado. O ágio em relação ao dólar desapareceu virtualmente e no mercado suíço o ouro chega a ser negociado abaixo de seu valor-par de 35 dólares a onça. A oferta do ouro russo — porque a União Soviética deve vender ouro para cobrir o déficit de sua balança comercial — contribuiu talvez para tal evolução, mas este ouro é em geral absorvido pelos bancos centrais, em particular o Banco da Inglaterra, não havendo muita repercussão no mercado livre, que depende antes da situação monetária e política.

SALÁRIOS, BENEFÍCIOS E IMPOSTOS

Os progressos que a economia mundial fez em 1953 determinaram em numerosos países aumento da renda nacional e, como o custo da vida permaneceu relativamente estável, aumento da renda real. As questões sociais não faltaram nem nos Estados Unidos, nem na Europa — França, Itália, Inglaterra —, mas as greves nas empresas privadas foram menos longas que no ano anterior e não tiveram consequências graves sobre a marcha da produção. O aumento de salários, obtido com ou sem greves, foi, salvo raras exceções, bem moderado. Em compensação, os lucros das empresas acusam em muitos países importante acréscimo. É o caso sobretudo dos Estados Unidos. Segundo uma análise feita pelo National City Bank of New York, dos balanços de 540 grandes companhias, a renda líquida, após o pagamento dos impostos, foi, nos nove primeiros meses de 1953, superior em 18 % à do período correspondente de 1952. A evolução destas empresas nos três últimos anos foi a seguinte:

III - RENDA LÍQUIDA DE
540 COMPANHIAS AMERICANAS
(Em milhões de dólares)

PERÍODO	1951	1952	1953	DIFEREN ÇA 1953 s/ 1952 (%)
1º trim.	1 434	1 259	1 367	+ 9
2º trim.	1 411	1 180	1 462	+ 24
3º trim.	1 196	1 209	1 463	+ 21
4º trim.	1 449	1 588	-	-
TOTAL ..	5 490	5 236	-	-

As rendas verificadas em 1953 ultrapassaram portanto as do ano anterior, assim como os resultados particularmente favoráveis do primeiro semestre de 1951, quando os preços foram estimulados pela guerra da Coreia. O aumento das rendas não se deve somente ao acréscimo da produção.

Na indústria siderúrgica americana — muito prejudicada em 1952 por uma greve longa — as vendas subiram de 36 %, e os lucros de 83 %.

As rendas das empresas foram, até certo ponto, favorecidas pela reforma da legislação fiscal. Na Inglaterra, o imposto sobre os lucros extraordinários, criado às vésperas da guerra, foi em grande parte suprimido. Também na França e Alemanha, o fisco presta mais atenção aos investimentos das empresas. Em geral, pode-se constatar certa tendência para reduzir os altos impostos diretos e substituí-los pelos indiretos.

CONCLUSÕES

As grandes linhas da evolução econômica que acabamos de assinalar levam-nos à conclusão de que o ano passado foi um período favorável para

a economia mundial. A recessão, prevista por alguns observadores, sobretudo para o segundo semestre, não se produziu. O ligeiro declínio observado em algumas indústrias não corresponde àquela palavra. O número de desempregados diminuiu em quase toda parte, a atividade industrial manteve-se em nível elevado e os negócios se tornaram mais lucrativos.

A continuação da prosperidade implica de certo em perigo de reação. Há sinais de superprodução, particularmente no sistema agrícola. A progressão dos preços agrícolas em relação aos industriais, realizada na época da seca, foi suprimida pelo desenvolvimento posterior, e os agricultores se encontram de novo em situação cada vez mais precária, que exige a assistência e a intervenção do poder público.

A expansão industrial tem caráter antes nacional que internacional. Os investimentos fora do próprio país permaneceram medíocres. Os diversos programas em favor dos países subdesenvolvidos só foram realizados em proporções limitadas. A esperança de que o capital privado substitua, sob este aspecto, o capital público não se confirmou. São ainda os recursos do governo americano e das instituições internacionais, tais como o Banco para a Reconstrução e o Desenvolvimento, que fornecem a maior parte dos meios aplicados nos países jovens. A falta de investimentos internacionais entrava naturalmente o desenvolvimento do comércio mundial.

Não há indícios de que tais condições pouco favoráveis aos países menos desenvolvidos se modifiquem em futuro próximo. Somente se os mercados internos dos grandes países industriais se aproximarem do ponto de saturação, será possível esperar que os capitais disponíveis tomem o caminho dos países mais distantes. Notícias procedentes dos Estados Unidos indicam, aliás, certos temores da possível ocorrência de uma crise, em futuro próximo, naquele país, ainda que de proporções reduzidas. Nesse sentido parece já haver o propósito, por parte do governo, de tomar medidas destinadas a prevenir ou mesmo evitar essa tendência.